FASTOS DO CEARÁ

BOANERGES FACÓ

I

O SERTÃO OPULENTO

O luso Antônio Dias da Costa, compatrício e amigo de Antônio Duarte de Queirós, afastou-o, sem o pretender, dos canaviais de Pernambuco (Goiana) para os campos de criar do Ceará (Jaguaribe e Banabuiú), onde a fatalidade deu cabo do casal Queirós-Vasconcelos, mas ainda ficou aos descendentes do casal um pedaço de terras à margem esquerda do Banabuiú (Barro Vermelho), que escapára à gatunice dos brancos Cavalcante-Vasconcelos de Goiana e dos pardos Britos de Jaguaribe.

Barro-Vermelho, no Ceará, tornou-se o núcleo primitivo e propulsionador das riquezas rurais da família Queirós, que com o decorrer dos séculos 18 e 19 se tornou uma das mais fortes, opulentas e ricas famílias do *hinterland* do Ceará. E assim outras famílias.

O português, que esteve unido e solidário com o índio na longa e encarniçada luta contra o inimigo comum — o francês e o holandês, tornou-se depois, por violência e ambição, seu inimigo, escravizando-o ou eliminando-o.

Assim é que se foi constituindo o sentimento nativista contra os "mascates" do Norte e os "emboabas" do Sul.

Com o andar dos tempos o português colonizador trouxe da longínqua África o elemento forte e resistente — o negro, que transportado às plagas do Novo Mundo de seu distante *habitat*, foi o braço forte nas labutas da lavoura e pecuária, às quais não se adaptaram e nem resistiram os ameríndios.

Com o primeiro governador geral, no distante ano de 1549, vieram os primeiros jesuítas que haviam de evangelizar as selvas, corrigindo os vícios do ameríndio e contendo a ganância do luso.

Mas a ação benéfica do missionário, no norte do Brasil, encarnada na personalidade marcante e genial do Padre Vieira, limitava-se quase ao litoral. Assim é que entre nós a sua ação evangelizadora foi de efeitos salutares em Fortaleza, Paupina (Mecejana), Araré (Aracati) e na Vila Viçosa (Ibiapaba), sem penetrar o alto sertão, onde se constituíram as grandes fazendas e se organizaram os valentes e poderosos mandões.

Rocha Pombo (História do Brasil, Vol. V, pág. 57) interpreta bem a alma evangelizadora de Vieira, quando escreve:

"Aquêle tempo, aliás, era muito propício à eclosão de almas como a de Vieira. A gentilidade de um lado, e do outro os desregramentos da conquista deviam mesmo instigar-lhe a intensa e larga sensibilidade moral; e quando os superiores, ciosos do valor e do brilho daquele espírito, lhe designaram lugar entre os mestres, êle declarou, tímido e humilde, que o seu desejo era antes dedicar-se todo ao ensino e conversão dos selvagens. E só pela renúncia de si mesmo — regra suprema da ordem — teve de ceder, tomando o posto que lhe indicavam no colégio de Olinda".

E' que Vieira, sob pretextos suasórios, se afastára de seu grande amigo e protetor, Dom João IV, que o queria sempre junto a si para delícias e brilho da côrte, onde seria sempre *primus inter pares*, para se entregar de corpo e alma à pregação do Evangelho nas selvas...

O grande pregador sentia-se bem no seu mister de proteger e educar os indígenas desde o Nordeste até o extremo Norte, contando com o apôio do herói branco Vidal de Negreiros, no Maranhão, apôio de pouca duração, de vez que em 1653 lhe faltou o príncipe Teodósio, ficando tudo à mercê do novo governador, Pedro de Melo, que animava e protegia os escravistas com o que se não conformava o Padre Vieira, cuja alma e coração não suportavam a nova situação criada pela morte do ex-Duque de Barcelos.

Falam-nos bem de perto, não só o Padre Antônio Vieira, mas Francisco Pinto e Luís Figueira, que o antecederam na mesma serra da Ibiapaba.

Os fatos e acontecimentos da época do sertão opulento se passaram de maneira diferente de nossos dias. O sertão era habitado por nossa nobreza rural, sem preocupação do litoral, que lhe ficava às costas, com a sua capital e futuro urbanismo que tantos males estão causando ao desenvolvimento comum e à economia geral do Estado.

O sertão teve longos períodos de vacas gordas que lhe encheram os celeiros e lhe deram muito prestígio. E assim veio em primeiro lugar a epopéia do vaqueiro, que foi a primeira da história cearense, epopéia que justifica as que se lhe seguiram. O povo que desbravou, civilizou e enriqueceu o sertão estava habilitado a escrever a página da libertação dos escravos, que precedeu quase um lustro à libertação geral do Brasil.

Por isso José de Alencar, que escreveu "O Guarani", pôde escrever também "O Sertanejo", que lhe encerra o *ciclo indiânico*, na primeira página:

"Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infinidos, é o sertão de minha terra natal.

"Ali campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza".

O sertão que era opulento está ficando de todo abandonado. Causas várias entre nós têem determinado êsse estado de cousas a que se chegou. O homem do campo deixou-se seduzir pelas profissões liberais. Cogitou de fazer do filho bacharel, médico ou professor. O moço nas grandes cidades tomou novos hábitos que se não coadunam com as canseiras do campo no seu duplo *facies* da lavoura e da pecuária, que não prosperam nas longas estiagens que nos flagelam, periòdicamente, dizimando-as ou aniquilando-as. Êsses flagelos, reproduzidos e repetidos contìnuamente, trazem desânimo no espírito do homem do campo, desajudado ou esquecido dos poderes públicos. A propriedade rural continúa na sua primitividade, sem o aparelhamento mecânico, que poderia duplicar-lhe ou mesmo decuplicar-lhe o valor. E a propriedade rural, sem o auxílio da ciência, que lhe aumente o valor e lhe amplie as aplicações na prática, definha e nulifica-se, levando ainda em consideração as suas constantes divisões e subdivisões pelas sucessivas gerações des-

cendentes do opulento casal primitivo, circunstância que feríra a fina observação de João Brígido, quando nos falava de avô opulento e neto mendigo.

Observei essa dolorosa situação em Saboeiro com os descendentes do poderoso e rico Visconde do Icó.

Xavier de Oliveira (in "O Exército e o Sertão", pág. 53) escreve:

— "Mais de cinco dezenas de sorteados lá do meu sertão do Ceará, ao darem baixa do serviço militar, aqui, me têem procurado para que os auxilie na obtenção de emprêgo com que permaneçam nesta Capital (Capital Federal), pois não mais querem regressar aos seus lares, aonde os foi buscar o govêrno".

É o horror do sertão abandonado pelos poderes públicos que fala mais alto no ânimo do nativo que o amor à gleba, de que se ocupa um poeta polonês.

Do sertão, que escreveu a epopéia do vaqueiro, é que nos veio a reconquista do Maranhão, tendo razão o Cons. Tristão Araripe quando se propôs provar que a *nova conquista* da capitania do Norte coube mais ao Capitão-mor José Pereira Filgueiras que a Lord Cochrane. Do homem do sertão nos veio a malograda revolução de "17" e a efêmera república de "24".

No sertão é que se fez a prosperidade da capitania e posteriormente a da província, sem essa sêde da Capital e sem cogitar-se de urbanismo.

Mas a nossa ação posterior inverteu uma grande lei da *Economia Política*: *consumo sem correspondente produção.*

É preciso que se volte ao sertão, que representa a marcha para o oeste. O urbanismo despovôa o *hinterland*, aniquila a lavoura e abandona a pecuária.

Voltar ao sertão faminto e verminado?...

Que os poderes públicos do Estado e da União vão em socorro do camponês empobrecido e abandonado!...

II

AS VELHINHAS DA PEDREIRA

Numa manhã de agôsto de 1904, tomava eu, em companhia de Queirós Tôtô, meu tio afim, o trem-horário com destino a Quixadá, em busca de repouso na fazenda Olinda, de propriedade daquele parente, a duas léguas da cidade dos monólitos.

Deixámos a composição na estação do Junco — antiga fazenda de meus tios bisavós Antônio Duarte de Queirós e Miguel Francisco de Queirós que sòmente ali, antes da pavorosa calamidade de 77-79, apanhavam mais de mil bezerros. Tomámos os cavalos com Tôtô e meu mano Frederico Facó, que ia também descansar de suas lides de funcionário público.

Antes da chegada em Olinda, num cair de tarde morna e de sol intenso, passámos na fazenda Pedreira, ex-propriedade de meu bisavô Pedro de Queirós Lima, então hipotecada a dona Maria Libânia, onde moravam duas santas velhinhas — Maria Adelindes e Maria Inácia de Queirós — filhas do antigo proprietário de Olinda, Major Baltazar Lopes de Queirós e de dona Mariana de Jesus Queirós, netas paternas do Tenente de Milícias do Tapuiará, Inácio Lopes Barreira e de Joana Batista de Queirós e netas maternas de Antônio Pereira de Queirós Lima e de Leandra Lopes Barreira, donos da Casa-Forte e meus trisavós.

Aquelas duas velhinhas, maiores de 80 anos, remanecentes de uma geração que se fôra na voragem do túmulo, eram apenas minhas parentas no 3º. ou 6º grau, conforme a relação jurídica na contagem dos graus de parentesco, mas o respeito ao passado me fêz chamar-lhes de tias e beijar a mão àquelas apenas primas legítimas de minhas falecidas avós. É que, no passado, as famílias se respeitavam e se amparavam

entre si por gerações sucessivas nas linhas ascendente, descendente ou mesmo colateral.

As duas velhinhas, na mocidade, haviam contraído núpcias com os primos legítimos e irmãos entre si José Severiano de Queirós e Marcolino João de Queirós.

Da fidalguia de trato e de caráter do casal José Severiano-Maria Adelindes, sem descendentes, deu um dia, encantado e cativo, testemunho meu Pai; do casal Marcolino-Maria Inácia, uma descendência que, empobrecida, vegeta, sem que tenha vingado um nome de valôr, um homem ilustre. De seus lábios ouvi interessantes e marcantes narrativas sôbre a opulência, a varonilidade e os caprichos de nossos maiores, todos, de certo, dentro da bitola de bondade, rudeza e bravura, de que nos fala João Brígido.

Elas estavam ligadas à Olinda, de cujo dono, pai das velhinhas, se conta que um dia ficara de mal com dois cunhados, que, cançados da inimizade, resolveram fazer as pazes. E, assim, dirigiram-se a Olinda, onde foram fidalgamente tratados; mas, na saída, Baltazar veio, em pessoa, ajudá-los na montaria, com a advertência: "A nossa inimizade continua no mesmo pé". Descendiam na linha feminina da Casa-Forte — reduto de idéias republicanas do comêço do XIX século — e na linha masculina do Tapuiará, onde um dia uma linda donzela ligou o seu nome ao do noivo agonizante, ferido momentos antes de bala homicida, para não fugir ao compromisso assumido pelas famílias de ambos.

A virgem, que ligou o seu destino ao noivo agonisante, Luciano Domingues de Araújo, vítima de uma bala, que lhe mandara de emboscada o inimigo Maciel, chamava-se Joana Batista Barreira e era filha do dono do Tapuiará.

A viúva virgem, posteriormente, convolou a novas núpcias com Francisco Alves de Lima, de cujo matrimônio descende muita gente ilustre.

Seus maridos e primos, da fazenda Santa Maria, também na ribeira do Sitiá, vinham em linha reta do Sargento-mór José Lopes Barreira — verdadeiro varão de Plutarco, a quem dedico um capítulo de minhas Memórias. No comêço do século passado, sob os melhores auspícios, contraíam núpcias José Lopes Barreira Filho, do Quixinxé, e Helena Isabel de Queirós, filha dos donos da Casa-Forte. Entre os nossos maiores não existiam os "esponsais" com as formalidades dos antigos romanos, mas os casamentos eram combinados entre os pais dos nubentes, em regra, na ordem da idade dos filhos. Quando do consórcio do casal, sogros das velinhas, o Sargento-mór fêz ao filho doação, como presente de núpcias, da fazenda Santa Maria, de três léguas de extensão, e Antônio Pereira de Queirós, dono da Casa-Forte, deu de dote à filha dois mil cruzados em terras e gados.

Do casal de Santa Maria, que constituia mais uma união conjugal entre os *Lopes Barreira de* "Quixinxé" e os *Queirós Lima* da "Casa Forte", advieram vários rebentos a aumentar o povoamento do *Sitiá*, tão *Queirós* que é atual distrito do município de Quixadá, a que sempre deve pertencer, numa justa homenagem à família Queirós, assim como o de Tapuiará.

O primeiro filho do casal, José Severiano de Queirós, homem inteligente e culto para a época e meio em que viveu, era um sertanejo de costumes e hábitos irrepreensíveis.

O segunfo foi o inteligentíssimo Antônio Cirilo de Queirós — homem que, segundo João Brígido, "tanto se agitou e tamanho ruído fez na terra, em começo da vida, para acabar como uma espécie de Nestor...."

Deixou dados sôbre a família Queirós, "em frase de campônio", que devo dar à publicidade a bem da genealogia cearense e numa homenagem a Cirilo. Ficará integral no fundo, menos na forma, de vez que se não trata de documento que deva ser mantido na forma literária da época.

Que nos resta de Santa-Maria?

Vi ali, à semelhança de todo o sertão, três gerações: uma na maturidade, que, empobrecida, caminhava para a completa ruina econômica; outra, na mocidade, que, indolente, contemplava a completa desagregação das riquezas de seus antepassados; e, enfim, outra que, no berço, marchava para o analfabetismo e absoluta falta de confôrto. É assim todo o sertão, outrora opulento e farto. As sêcas sucessivas aniquilaram a pecuária e povoaram o solo de sêres humanos, que aumentam na razão direta da miséria econômica. O mais destacado rebento do primitivo casal de Santa Maria é o coronel Francisco de Matos Brito, que, inteligente e ativo, fêz fortuna, sendo hoje o dono do magnífico Guaramiranga, sítio na serra de Baturité, antiga propriedade dos avós maternos de sua mulher.

Matos Brito é filho do rebento caçula do casal de Santa Maria, Isabel Maria de Queirós (tia Bela), que se casou com o português Antônio de Matos Brito.

Em 1907, quando voltei ao Sitiá e visitei os demais macróbios da família, entre os quais Cunegundes Aires de Queirós, avô materno de Mons. José Cândido de Queirós Lima, sacerdote de excelsas virtudes, não existiam mais as duas velhinhas.

Elas se haviam ausentado para sempre da Pedreira, onde invernava então meu prezado primeiro e amigo Raimundo Torcápio, com a mulher e as três netinhas, que, órfãs, adotara como filhas.

Ali, pela segunda vez, me lembrei das velinhas Maria Adelindes e Maria Inácia que, se não tiveram na vida e na morte nada de extraordinário, guardavam na extrema velhice a grata lembrança da abastança de que se viram privadas nos últimos dias de vida. É certo que os filhos, genros e sobrinhos ainda tinham suficiente, para que elas não sofressem necessidades, mas não é menos certo que o presente lhes era bem diferente do passado...